

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Pedro Madruga Melo

**ESCUITA SENSÍVEL COMO AÇÃO PEDAGÓGICA NA EJA**

Porto Alegre

2018

Pedro Madruga Melo

**ESCUTA SENSÍVEL COMO AÇÃO PEDAGÓGICA NA EJA**

Trabalho de conclusão de curso de licenciatura apresentado a Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Professora Doutora Denise  
Comerlato

Porto Alegre

2018

Pedro Madruga Melo

## **TÍTULO DO TRABALHO**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado a Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovado em: \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_.

## **BANCA EXAMINADORA**

---

Aline Lemos da Cunha Della Líbera - UFRGS

---

Rafael Arenhaldt - UFRGS

---

Denise Maria Comerlato - UFRGS (orientador)

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre o aprendizado do autor na Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Alegre (EPA), durante o estágio docente obrigatório do Curso de Pedagogia na área de Educação de Adultos (EJA), através da experiência de escutar o aluno, e rever como este gesto contribuiu para a sua formação como professor. Também é mostrado aqui o começo de sua trajetória como docente, as experiências que teve em estágios anteriores e como foi aprendendo a “ser professor” durante este trajeto; experiências estas que foram bastante diversificadas e que lhe proporcionaram um grande aprendizado. A pesquisa apresentada se caracteriza como qualitativa, de caráter teórico e documental, já que, além dos estudos teóricos, também é realizada a análise de fragmentos do Diário de Classe do autor. A *escuta sensível*, fundamentada em René Barbier, foi a principal ferramenta/gesto que contribuiu para a transformação da visão de sala de aula, de escola, e principalmente, de aluno. Mesmo que se ancore em conhecimentos teóricos, esse é um saber que se constitui pela experiência, pela prática, e foi desse modo que se constituiu a possibilidade de entender, aos poucos, como “ser docente” e a importância que tem o ato de escutar o aluno. A *escuta sensível* não diz respeito apenas ao sentido físico, de escutar falas, mas também tem um sentido emocional, de escutar o aluno com “o coração”, entendendo seu ponto de vista e considerando sua realidade. Assim, este trabalho procura considerar o ato da *escuta sensível* como ferramenta imprescindível para atuarmos em sala de aula.

Palavras-chave: Escuta Sensível. Formação de Professores. Educação de Jovens e Adultos.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	06
<b>1 ME CONSTRUINDO COMO DOCENTE</b> .....	08
1.1 AS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS COMO “PROFESSOR”.....	10
1.2 CONHECENDO A EPA.....	11
1.3 OS ESTUDANTES DA EPA.....	15
1.3.1 <b>Meus estudantes</b> .....	<b>16</b>
1.4 OS CAMINHOS DESTE ESTUDO.....	19
<b>2 SER PROFESSOR</b> .....	21
2.1 OBJETIVOS DO ENSINAR.....	21
2.2 COMO ENSINAR E APRENDER.....	23
2.3 RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO.....	25
<b>3 A ESCUTA SENSÍVEL</b> .....	28
3.1 O QUE É ESCUTA SENSÍVEL.....	30
3.2 APRENDER ESCUTANDO.....	31
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	37
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	39

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre o aprendizado que tive na Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Alegre (EPA), durante o estágio docente obrigatório do Curso de Pedagogia na área de Educação de Adultos (EJA), através da experiência de escutar o aluno, e rever como este gesto contribuiu para a minha formação como professor. Também é mostrado aqui o começo de minha trajetória como docente, as experiências que tive em estágios anteriores e como fui aprendendo a “ser professor” durante este trajeto, experiências estas que foram bastante diversificadas e que me proporcionaram um grande aprendizado. A *escuta sensível*, fundamentada em René Barbier, foi a principal ferramenta/gesto que transformou a minha visão de sala de aula, de escola, e principalmente, de aluno. Aqui trataremos a minha trajetória como um aprendizado que se dá pela experiência, por um saber que se constitui na prática. Porque foi desse modo que comecei a entender aos poucos como “ser docente” e a importância que tem o ato de escutar o aluno, não apenas no sentido físico, escutando suas falas, mas também no sentido emocional, escutando o aluno com “o coração”, entendendo seu ponto de vista e considerando sua realidade.

Assim, este trabalho procura considerar o ato da *escuta sensível* como ferramenta imprescindível para atuarmos em sala de aula, em oposição ao velho modelo tecnicista/industrial onde o professor é considerado o “detentor” do conhecimento e os alunos são as “tábulas rasas” prontas para serem lapidadas, tal como Freire criticou a educação tradicional em a Pedagogia do Oprimido. Aqui veremos algo diferente, aqui o próprio estudante-professor começa sem nenhuma experiência de campo e, aos poucos, com suas práticas, vai aprendendo pelo fazer e entendendo como funciona o papel do docente e a importância da *escuta sensível* do aluno neste papel.

No primeiro capítulo veremos como iniciei meu processo de formação, de forma incerta, entrando em uma área acadêmica que eu não conhecia. No final do capítulo, situo meu primeiro contato com a Escola de Ensino Fundamental Porto Alegre (EPA), onde a compreensão da *escuta sensível* começa a desenvolver-se.

No segundo capítulo situa-se a construção do conceito de ser professor, de ensinar e aprender baseado nas vivências de docência que tive desenvolvidas principalmente através do meu contato com a EPA. A partir do meu estágio docente obrigatório na EJA, meu modo de conceber o ensinar muda à medida que, neste ato de ensinar, também aprendo.

O terceiro capítulo fala sobre a *escuta sensível*, para ser mais específico, sobre como

esta escuta foi se desenvolvendo ao longo da minha jornada de aprendiz de docente. Este conceito serviu como o centro do meu trabalho, juntamente com os relatos e experiências que tive com os alunos da EPA, pois apresentou total relação com toda a minha experiência docente. O que deu errado no passado serviu como aprendizado para aperfeiçoamento desta *escuta sensível* em sala de aula.

Durante todo esse trajeto, minhas ideias e experiências cruzavam - se com o que muitos teóricos haviam falado especialmente René Barbier, com a *escuta sensível*, que apesar de se aplicar inicialmente à área médica, também foi utilizada no campo da Educação. Esse conceito também se aproxima muito do pensamento de Paulo Freire, quando fala no diálogo, do querer bem aos educandos, assim como do respeito aos saberes discentes, que exigem uma escuta verdadeira. Também estabeleço um diálogo com outros autores, como Cortella, Assunção e Alarcão, para fazer a crítica à escola tradicional e trazer elementos para se discutir o ser docente, os objetivos do ensinar e os processos de ensino e de aprendizagem. Deste modo, compreendo que todos os autores citados no trabalho fazem trazer contribuições para pensar minhas aprendizagens na prática pedagógica, ligadas diretamente à *escuta sensível*.

## 1. CONSTITUINDO-ME ENQUANTO DOCENTE

Começarei minha trajetória através de uma pergunta muito frequente que me fizeram há anos atrás (e ainda me fazem), acredito que seja pelo fato de eu ser homem, muitas pessoas descrêem, ou simplesmente não conseguem aceitar ou entender o que um homem está fazendo no curso de Pedagogia, com um alunado predominantemente feminino, e acabam fazendo a seguinte pergunta:

- Porque você decidiu fazer Pedagogia?

Isto quando não soltam algumas “pérolas” acrescentadas na mesma pergunta, como: Porque crianças? Tu gostas de crianças? Repita novamente, Pedagogia? Tu pareces ser bem calminho.

Dentre todas as perguntas que me fazem, a mais comum se refere ao porquê de eu escolher este curso, remetendo-me automaticamente às minhas lembranças mais profundas, que me jogam para o final de 2010 e início de 2011. Naquela época eu simplesmente terminei meu trajeto como aluno na escola e, pela primeira vez, iria ingressar no mundo mais adulto pois, antes de entrar na faculdade, a minha vida era como a de qualquer adolescente comum de escola particular que não passou nenhuma necessidade: muitas brincadeiras, risadas, pouquíssima noção da realidade. Diferente dos meus pais, que cresceram em uma realidade totalmente conturbada e marcada por dificuldades financeiras ou pessoais, eu sempre tive condições para qualquer coisa. Então, quando me formei no ensino médio, chegou um momento da minha vida na qual tive que tomar uma decisão difícil demais: Entrar na faculdade, ou começar a trabalhar? Eu recém tinha feito 18 anos e mal sabia escolher a camisa para sair na rua, imagine só escolher algo que, a princípio, definiria o rumo da minha vida! Decidi optar pela universidade, pois mesmo não sendo o aluno mais dedicado, eu queria ter um diploma no ensino superior. Como eu era um adolescente ingressando na faculdade e, ainda por cima, despreparado, tive aquele problema clássico de não saber qual curso ingressar.

Inicialmente, eu queria trabalhar com alguma coisa relacionada a área militar, eu queria entrar no exército e fazer carreira lá, porém, devido a uma lesão que tenho no olho esquerdo, fui impedido de ingressar. Eu não imaginava que esta seria a melhor coisa que aconteceria na minha vida. Fui à casa de uma prima que, coincidentemente, é formada em pedagogia, e ela começou a me fazer muitas perguntas, também meus pais começavam a



auxiliar-me nas decisões, porém sempre me dando a liberdade de escolha, pois a decisão era totalmente minha em relação ao curso. Então, após muitas conversas, e baseando-me nas minhas qualidades, decidi escolher o curso de Pedagogia e experimentar o curso, pois não sabia como era e ainda estava um pouco indeciso.

Assim comecei a universidade ingressando na FAPA (Faculdade Porto Alegre) em 2011, realizando um vestibular no início do ano e entrando no curso de Pedagogia. Meu primeiro semestre foi bem estranho, pois não estava acostumado ao ambiente acadêmico, as leituras e ao ritmo das aulas. Eu estava acostumado a aprender português, matemática, física, química, etc., a fazer provas escritas extensas e ouvir professores falando sem parar, nos fazendo copiar conteúdos do quadro e a resolver um livro tão grande de exercícios que mais parecia uma bíblia.

Na universidade foi diferente, não aprendíamos química, português e muito menos física. Lá comecei a aprender sobre Paulo Freire, Durkheim Vygotsky, Piaget, entre outros pensadores, cujas escritas mesmo sendo simples, me pareciam ser outra língua, afinal eu não estava acostumado com aquele tipo de leitura.

Durante aquele primeiro semestre tive bastante dificuldade em entender o sistema da faculdade, pois tudo era novo, e eu não entendia muito bem funcionava a universidade. No início, pensei em trocar de curso, abandonar a faculdade ou até mesmo voltar atrás e começar a trabalhar, porém algo aconteceu algo muito bom: meu primeiro estágio. Eu fiz esse estágio no segundo semestre de 2011, em uma escola de Viamão, na área do SASE (Sistema de Apoio Sócio Educativo), ali eu realmente coloquei “a mão na massa” e vivenciei a primeira experiência que se aproximava de “ser professor”. Foi ótimo, pois aprendi muito com meu estágio, e mesmo com as dificuldades, percebi que aquela era minha área, ser professor era o que eu queria.

Decidi realizar o vestibular para a UFRGS no final de 2011, quando escolhi o curso de pedagogia como opção. Então realizei o vestibular e passei na universidade federal e comecei minha trajetória como aluno da UFRGS em 2012/2. Foi uma trajetória totalmente diferente da experiência que tive na outra universidade. Na UFRGS aprendi muito rápido sobre a vida acadêmica e discente, compartilhando ideias com os colegas, participando de bolsas de extensão, estágios, seminários, cursos, entre outras experiências.

## 1.2 AS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS COMO “PROFESSOR”:

Minha primeira experiência que me aproximou da EJA foi na UFRGS, quando comecei a trabalhar em uma bolsa de Extensão junto ao Professor Evandro Alves, nos arredores do CMET Paulo Freire. Nesta experiência de extensão, realizamos uma pesquisa de campo para saber qual o público que se interessava em ingressar no CMET Paulo Freire e quais aprendizados eles gostariam de ter nas aulas. Foi nesta pesquisa que tive a primeira noção de realidade de muitos dos alunos da EJA: Pessoas que viviam em condições sociais muito difíceis: muitos sofriam preconceitos e humilhações por serem pobres, sem escolarização e mesmo por serem negros, e algumas mulheres sofriam até mesmo agressões físicas e verbais em suas casas. Este trabalho de extensão foi o primeiro “contato” que eu tive com a EJA.

Depois realizei um estágio remunerado na Escola Paulo Freire em Alvorada, na EJA, durante à noite, orientando os professores e servindo como apoio para os mesmos. Meu estágio na escola foi ótimo, porém chocante também, pois ali tive um contato ainda mais direto com a EJA. Diferentemente da minha bolsa de extensão, onde eu me limitava a coletar dados para o desenvolvimento do trabalho, ali eu estava em contato direto com os alunos e professores da EJA em uma rede pública de ensino. Então presenciei parte de um público em condições sociais e econômicas, as vezes, sub-humanas, onde a criminalidade, o acesso a drogas e as péssimas condições de vida contribuía para a degradação das pessoas. Porém, mesmo assim, muitos eram impulsionados para a escola, na esperança de adquirir uma condição de vida melhor, seja com um emprego ou com um diploma. Percebi, então, que a escola tem uma importância enorme para esses grupos populares, sendo, talvez, o único lugar da comunidade capaz de proporcionar um caminho para uma vida digna.

Após o estágio remunerado de um ano na Escola Paulo Freire, iniciei o estágio obrigatório do 7º semestre do Curso de Pedagogia na Escola Municipal Heitor Villa Lobos, onde, pela primeira vez, tive que tomar “verdadeiramente o papel de professor”, onde tive que “dar aula” pela primeira vez. Foi bem difícil, afinal, eu nunca tinha realmente feito um plano de aula para a EJA e executado o mesmo na turma. Foi uma experiência árdua e difícil. Meus planos de aula estavam fracos e tive que abandonar o estágio logo nos primeiros dias de prática pedagógica. Fiquei muito tempo me perguntando: Porque não ficou bom? O que faltou? Eu tinha gostado muito da EJA, sabia que ali era meu lugar, mas como agir? O que colocar em um plano de aula? Eu estava com muitas dúvidas e muito desanimado.

Parti então para a prática em Anos Iniciais e, apesar de ter gostado muito da turma, me vi deslocado, pois senti que queria uma turma, mas não aquela. Senti que os tambores da EJA me chamavam, ecoando no meu ouvido, como uma música tribal de guerra. Senti que fui feito pra EJA, que ali estava o que eu queria, aquele contato com a realidade do aluno, que trabalha o dia todo, que enfrenta dificuldades e está ali. Mesmo com poucas e incertas chances de sucesso, ele tenta, ele corre atrás, ele não desiste.

Foi através deste impulso, deste som ecoando em meus ouvidos, que, de uma vez por todas, retornei para a EJA, para aqueles alunos totalmente heterogêneos, com muitas experiências para compartilhar e uma bagagem cultural totalmente diferenciada. Foi assim que decidi voltar para a EJA, e realizar o meu estágio docente novamente, mas decidi começar por algo ainda mais diferente, decidi começar a prática na EPA.

## 1.2 CONHECENDO A EPA

Realizei meu estágio docente obrigatório na Escola de Porto Alegre (EPA) junto à uma colega, pois era uma docência compartilhada. Então decidimos nos reunir na escola no mesmo dia para entregar os documentos necessários, foi aí que ocorreu nosso primeiro desafio: Encontrar a EPA. A Escola se localiza na Rua Washington Luiz, Número 204, em Porto Alegre:



Retirado do google maps: <https://www.google.com.br/maps/place/Escola+Porto+Alegre/@-30.035209,-51.2395024,17z/data=!4m5!3m4!1s0x0:0xf868a855ca4b6bdd!8m2!3d-30.0364072!4d-51.2383651>

A escola situa-se também ao lado do DMAE, e próximo ao Museu do trabalho e possui um espaço razoavelmente amplo, considerando o público que atende.

Antes de entrar na escola, nos deparamos com uma entrada pequena e muito camuflada por uma árvore, cujos galhos e folhas tapam boa parte da visão que temos dos portões da escola. Havia caminhões de mantimentos (alimentos, materiais de higiene) estacionados na frente do portão que tornavam a localização da entrada da escola uma tarefa árdua para as pessoas que não a conheciam. A única característica que destaca o portão da escola é a sua cor, que é roxa e contrasta com o muro de concreto e as cercas do DMAE.



Fotos retiradas do site da EPA: <http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/epa/>

Ao entrarmos nos portões da escola, nos deparamos logo à esquerda com algumas cadeiras e mesas de concreto e alguns trabalhos dos alunos pendurados nos muros. Mais à frente vemos uma sala para trabalhos artísticos, depois vem a secretaria e em seguida um pequeno depósito para materiais de higiene e limpeza. E ao final, próximo ao muro, existe um pequeno espaço que alguns alunos usam para estender a roupa ou realizar a limpeza de seus pertences.



Retirado de: <http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/epa/>

À direita encontramos o banheiro dos professores e alunos, ambos possuem chuveiros com água quente. Pois muitos alunos tomam banho na escola e passam o dia todo lá. Também há a entrada para as salas da escola após as entradas do banheiro. A escola conta com duas salas de artes, um laboratório de informática, biblioteca, sala dos professores e refeitório. A parte interna da escola não é grande, porém é bem organizada, tornando fácil a localização das salas. Ao lado do banheiro, existe um grafite muito bonito, fazendo referência aos estudantes da escola.



Retirado de: <http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/epa/>



Ao entrar na passarela que dá acesso ao resto da escola, encontramos uma quadra de esportes coberta, um depósito de materiais e um salão de atos bem rústico. Atualmente, pudemos notar que muitas coisas são plantadas nesta área, incluindo plantas ornamentais e até alimentos (tais como berinjela) encontrados ao lado da quadra de esportes. Também vemos um forno para a confecção de trabalhos com argila. O forno possui cobertura contra as variações do tempo e existem muitos ornamentos ao redor do mesmo, criados pelos alunos.

A quadra coberta é muito utilizada para atividades que vão além dos esportes, pois muitas oficinas de dança, ioga e de variados tipos acontecem dentro desta quadra, pois a mesma é grande e fica nos fundos da escola, aonde poucos ruídos chegam devido às árvores plantadas ao redor.



Retirado de: <http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/epa/>

A instituição funciona de manhã, das 8h às 12h e durante a tarde. Durante a manhã ocorrem as aulas da Totalidade 1, Totalidade 2 e Totalidade 3. E a tarde as Totalidades 4, 5 e 6. A partir das 7h30min às 8h da manhã é oferecido o café para os alunos. Durante o período da tarde, os alunos tem a oportunidade de participar de oficinas diversas como de fotografia, artesanato, artes visuais, entre outras.

A equipe diretiva é composta pela direção, pelo Serviço de Orientação Pedagógica (SOP) e pela Secretaria. É importante ressaltar que o SOP é composto por quatro coordenações que possuem funções distintas:

- Coordenação Pedagógica (COOPED): Auxilia nas atividades que são desenvolvidas entre a comunidade escolar e os profissionais de educação.
- Núcleo de Trabalho Educativo (NTE): Estimula o trabalho ético com os alunos, promovendo um desenvolvimento através da cooperação, responsabilidade e auto-organização. Organiza os trabalhos manuais/artesanais desenvolvidos na escola.
- Coordenação do Serviço de Acolhimento, Integração e Acompanhamento (SAIA): Acolhe, investiga e acompanha os alunos através da construção de noções Pedagógicas. Também trabalha questões afetivas e emocionais dos alunos.
- Coordenação Cultural (CC): Tem como objetivo promover e coordenar, em parceria com ONGs, Pessoas físicas, jurídicas ou até mesmo grupos artísticos uma promoção e divulgação dos trabalhos artísticos produzidos pelos alunos.

A entrada na escola só é permitida para a comunidade escolar e oficinas, assim o portão se mantém trancado o tempo todo, para evitar a entrada de outras pessoas sem se identificarem primeiro. O horário do intervalo no turno da manhã é das 10h15min às 10h30min e todas as sextas-feiras, às 10h30min, ocorrem reuniões para os docentes.

A EPA possui a sua diferença não apenas na parte física, mas também porque possui todo um suporte médico, psicológico, de assistência social com a finalidade de atender as demandas dos estudantes. O grande objetivo da escola é inserir as pessoas/estudantes na sociedade, reduzindo a discriminação social. Também devemos destacar outra finalidade importantíssima da EPA, que é a emancipação dos sujeitos, com a evolução/ aprimoramento de seus conhecimentos acumulados durante suas vivências, ou seja, desde a redução de danos com os usuários de droga, até a inserção no mundo do trabalho, seja no trabalho formal ou nos projetos de geração de renda que ocorrem na escola.

### 1.3 OS ESTUDANTES DA EPA

Ao entrar na EPA, uma das coisas que percebi foram os estudantes que frequentavam a escola. Estes pareciam diferentes da EJA mais comum, onde encontramos alunos que “fracassaram” no ensino fundamental/ médio regular. Aqui temos um público diferente. Na EPA temos, como a maioria do alunado, pessoas em situação de rua, que vivem constantemente atos de violência, de preconceito e de exclusão. São pessoas que frequentam a escola não apenas para o aprendizado da leitura e escrita, mas porque a escola é uma espécie de “lar”. Na escola eles convivem com os colegas e se apropriam de aprendizados que levam

para a vida, como lavar a própria roupa, fazer seus documentos. Também podem tomar banho, ganhar alimentação, ou seja, ter um mínimo necessário para se organizarem e manter a dignidade humana. Além disso, podem realizar ações visando a reinserção social a partir de atividades de geração de renda e do retorno à família, quando isso é possível, ou mesmo serem encaminhados para algum local de acolhimento, como os abrigos.

Todo ambiente proporcionado para o público da EPA é justamente construído para que o aluno se sinta em casa, se sinta confortável, acolhido e bem recebido, proporcionando a igualdade entre as pessoas que convivem no mesmo ambiente. A ideia da EPA é também de transformar aquele aluno em um cidadão ativo na sociedade, lutando pelos seus direitos e participando ativamente na comunidade.

### **1.3.1 Meus estudantes:**

Quando me deparei pela primeira vez na turma, tive um choque inicial, pois estava novamente nervoso e não sabia muito bem como lidar com os alunos, porém com o tempo fui aprendendo mais sobre eles e com eles também.

A turma da Totalidade 1 possuía em torno de onze alunos e alunas, porém compareciam apenas uma média de quatro ou cinco por dia. Isto ocorre devido às diferentes adversidades que eles vivem para chegar até a escola. Eles possuem uma realidade muito dura, repleta de obstáculos que os impedem de acessar a escola. NO entanto, mesmo com todas as dificuldades, a turma se mostrava muito receptiva e tranquila, porém fomos orientados a medir muito bem as palavras para dizer algo aos alunos, pois se ofendem com muita facilidade e causam um caos por situações mínimas. A turma nos recebeu muito bem, todos realizavam as atividades e participavam, porém, eles possuíam seus momentos de produtividade, dependendo do dia e do humor que estavam. Existiam momentos nos quais eles não realizavam atividades e precisavam do seu espaço pessoal. Todos respeitavam uns aos outros e procuravam cuidar os colegas caso houvesse algum conflito.

Abaixo segue a descrição dos alunos, sendo que utilizamos nomes fictícios para não identificar os mesmos:

\*Adriano (Aproximadamente 35 anos): Conversa muito pouco em sala de aula, não interage muito com os colegas, apenas com os amigos mais íntimos. Possui muitos conhecimentos sobre as localidades ao redor da EPA e também faz eventuais compras com o dinheiro que



ganha das oficinas. Gosta de escrever e realiza diversas tentativas em seu caderno e também gosta muito de ler gibis e super-heróis. Não se sabe muito sobre a sua infância. Sabe-se que está na EPA em busca de aprendizados e sente que a escola é imprescindível.

\*Cristiano (aproximadamente 30 anos): Sua mãe deu a luz na rua, então cresceu e viveu com sua mãe diretamente em contato com a rua e, segundo seus relatos, desde pequeno vivia correndo no meio dos carros e cruzamentos. Está na escola desde os 16 anos e, segundo relatos da coordenação pedagógica, quando entrou na EPA, se irritava e se frustrava com facilidade. Porém, com o passar do tempo, ele foi criando vínculos na escola e assim passou a ter carinho pelas pessoas que convivem com ele. Este é um dos motivos que o faz vir para a escola todos os dias. Cristiano também afirmou em uma aula:

- “eu venho aqui pra aprender, porque eu quero ter uma vida boa”.

Cristiano é catador e vende fotografias para ter uma renda para si e também para arrecadar fundos para o projeto, comprar materiais.

\*Nádia (Aproximadamente 50 anos): Tem muita vontade de aprender e se empenha para isso. Um dos motivos para aprender é acompanhar seu marido, que também estuda na EPA, porém está na Totalidade 2. Trabalhos artesanais a atraem muito, principalmente oficinas de produção de materiais e ornamentos. Trabalha como catadora.

\*Flávio (Aproximadamente 35 anos): É um dos melhores amigos de Cristiano, os dois comparecem todos os dias a aula, e ambos se ajudam nos aprendizados. Flávio já está mais avançado, e uma das estratégias que utiliza em seus aprendizados é sua fé, pois sempre escreve algumas palavras sobre Amor/Deus/Jesus. Não gosta muito de jogos e prefere um ensino mais “tradicional”, pois anseia com muita urgência aprender a ler, pois, assim como todos na EPA, sente que o domínio da leitura e escrita se fazem necessários para as suas necessidades. Trabalhou como catador por um tempo e agora está tentando arranjar um trabalho remunerado.

\*Laiane (Aproximadamente 40 anos): Chegou na Totalidade 1 recentemente. Possui desejo de aprender, porém não gosta de errar e se sente frustrada toda vez que isso acontece. Ao receber auxílio do laboratório de aprendizagem, evoluiu rapidamente e possui muito mais segurança para realizar as atividades em aula. Vem de uma realidade muito sofrida, com relatos de

constante agressão por parte de seu ex-marido, também já nos falou sobre muitas situações de racismo que sofreu ao longo de sua vida. Trabalhou como doméstica por um bom tempo.

\*Fernando (Aproximadamente 45 anos): não é de naturalidade brasileira, chegou de outro país. De acordo com seus relatos, está no Brasil para resolver problemas com sua ex-esposa, mas afirma que logo estará em seu país de origem. Possui conhecimentos de leitura e escrita, aprendidos em seu país, também de língua portuguesa, e como tem experiências de viagens e de ter vivido em outros países, seus conhecimentos de vida e de leitura e escrita “alavancam” seu processo de aprendizagem rapidamente. Fala muito sobre seu país de origem e se apega rapidamente aos professores. Faz amizades com muita facilidade e todos o conhecem pelo seu apelido, relacionado ao seu país de origem. O aluno afirma ter firmas de construção e ter trabalhado nos Estados Unidos e outros países do mundo.

\*Antônio (Aproximadamente 70 anos): Já possui habilidade de leitura e escrita, sabe ler e escrever, mesmo que devagar em algumas palavras mais complexas. Consegue realizar todas as atividades escritas com facilidade e avançou para a Totalidade 2. O único fator que o atrapalha com frequência é a sua visão, pois precisa usar óculos sempre que for estudar. Às vezes tem dificuldade de ler algumas palavras mais complexas, porém é raro isto acontecer. Antônio afirma ter trabalhado em plantações de algodão por muito tempo. Possui experiência com lavoura e apresenta muitos conhecimentos na área. Ele nos falou que teve problemas com bebidas alcoólicas na sua juventude, o que acarretou na separação da sua esposa e família. Ele se diz muito arrependido de ter entrado neste vício e que hoje conseguiu superar, não bebe mais. Não sabemos nada sobre a infância de Antônio.

\*Marta (Aproximadamente 50 anos): Comparece pouco a aula devido aos problemas de saúde que tem. Teve uma infância sofrida e saiu de casa muito cedo devido aos maus tratos. Trabalhou com panfletagem de uma casa noturna. Esta casa também a forçou a trabalhar com serviços sexuais, prejudicando sua saúde física e mental. Marta machucou o braço em seus trabalhos para a casa e decidiu pedir indenização, mas a casa noturna negou e ela entrou na justiça para ter seus direitos garantidos. Marta tem desejo de aprender, mas percebe-se que seu braço está enfaixado e ela mal consegue movê-lo devido a dor.

\*Wanderlei (Aproximadamente 50 anos): Sempre disposto a aprender, deseja um dia se tornar advogado. Alega querer fazer o certo sempre. Tem dificuldades para ler e escrever,

conseguindo apenas escrever seu nome e algumas palavras mais presentes em seu cotidiano relacionadas à religião. É crente e não gosta de ouvir palavras “pesadas” para a sua fé. Notamos que ele possui dificuldades cognitivas devido a algum transtorno psicológico, inclusive já recebemos alertas da diretoria para flexibilizarmos nossas interações com ele, pois o mesmo já tentou se matar mais de uma vez. É um aluno participativo quando o assunto é de seu interesse, gosta muito de associar os aprendizados à sua religião.

Todos os meus estudantes, como se pode ver acima, possuem algum conhecimento da língua escrita e desejam aprender mais. Todos reconhecem a importância da escola. Também é importante destacar que possuem muitas experiências de vida, das quais adquiriram muitos conhecimentos, como: o valor dos materiais recolhidos para a reciclagem, noções geográficas adquiridas por meio de viagens, o conhecimento da cidade, o conhecimento de plantações agrícola, da preservação de alimentos e mesmo de organização de grupo, exigido pelas experiências de vivências no coletivo, entre outros possíveis de citar. Mesmo que não se explicita melhor aqui, sabemos que todos saíram de seus lugares de origem, das suas casas, na maioria dos casos em razão da violência familiar de várias ordens, exceto Cristiano que já nasceu na rua. O fato é que todos têm origens nas classes mais pobres da população e ficaram expostos a situações de grande vulnerabilidade social.

#### 1.4 OS CAMINHOS DESTE ESTUDO

Esta pesquisa de caráter qualitativo se caracteriza como um estudo teórico também de caráter documental, pois analisa fragmentos do Diário de Classe do estágio obrigatório do autor, realizado na EPA no semestre 2018/01. Tendo como objetivo entender aprendizagens vividas em minha formação, acredito que essa modalidade de pesquisa é adequada aos meus objetivos, tendo em vista que:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2001, p. 21 e 22).

Desse modo, essa pesquisa consiste em uma retomada da minha trajetória de iniciação à docência, ou seja, de experiências que me aproximaram da prática pedagógica, incluindo a EJA, até chegar ao estágio obrigatório do Curso de Pedagogia. Na sequência, dá continuidade

a uma reflexão, apoiado em autores, do que significa ser professor, dos objetivos de ensinar e dos processos de ensinar e aprender que envolvem o processo educativo. E, por fim, discorro sobre o conceito de escuta sensível e a análise, nos recortes que trazem a empiria do registro no Diário de Classe, o material documental.

## 2. SER PROFESSOR

A sensação que tenho de ser professor é, na verdade, a de estar sempre em constante conexão, especialmente com os alunos. Saber que minha tarefa é proporcionar uma aprendizagem capaz de fazer meus alunos compreenderem melhor o mundo ao seu redor. Deste modo, eu também preciso estar em constante aprendizado e conectado ao que está acontecendo, pois a minha competência como docente não é algo que aprendo sentado em uma cadeira, mas sim vivenciando mundo afora. Meu pensamento em relação ao que é aprendizagem se aproxima do de Alarcão (2008), e é essa aprendizagem que devemos perseguir como educadores junto aos estudantes:

A aprendizagem é um modo de gradualmente se ir compreendendo melhor o mundo em que vivemos e de sabermos melhor utilizar os nossos recursos para nele agirmos. Uma boa parte das competências hoje exigidas são dificilmente ensináveis. E, contudo, elas têm de ser desenvolvidas. (ALARCÃO, p. 27)

Ser professor é desenvolver no aluno não apenas a questão da leitura e escrita, mas também auxiliar no desenvolvimento de outras habilidades que são imprescindíveis para o desenvolvimento do ser humano. As capacidades individuais das pessoas também devem ser trabalhadas, e o professor deve instigar este aprendizado, pois como Alarcão (2008, p.30) diz é preciso criar, estruturar e dinamizar situações de aprendizagem e estimular a aprendizagem e autoconfiança nas capacidades individuais para aprender são competências que o professor de hoje tem de desenvolver.

Minha trajetória como “professor” começou em 2011, com o meu estágio remunerado na FAPA, e desde aquele momento venho crescendo como aprendiz de docente. Porém este crescimento, como é notado, esteve sempre acompanhado de experiências, sejam elas de sucesso ou de fracasso, porém nenhuma deixou de me ensinar algo importante na vida docente. Sei que ainda faltava algo, algo que aprendi exatamente na minha docência da EPA. O ser professor é isso, é continuar mesmo tropeçando no caminho, é sempre aprender algo a cada experiência e jamais desistir.

### 2.1 OS OBJETIVOS DO ENSINAR:

O ensinar tem sido objeto de debate por muito tempo, pelo menos desde a década de 1930, com a divulgação do *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova* (1932), que já visava

uma escola mais ativa e reflexiva<sup>1</sup>. No entanto, durante todas essas décadas, encontram-se defensores do ensinar como o ato de “transmitir conteúdo”, no qual se precisa ter uma rotina cristalizada, imóvel. Neste modelo de ensino, o aluno é o que aprende e o professor é o que ensina. Este pensamento é totalmente apoiado pelos métodos mais tradicionais, onde a escola, como instituição social, é intocável. Afinal, muitos de nós fomos ensinados desta forma: há um transmissor do conhecimento (o professor) e há, também, os que recebem estes conteúdos (os alunos). Na verdade, tratar o professor como detentor da sabedoria o diminui, pois ele fica alienado à própria imagem de grandeza, na qual nenhum aluno pode questionar sua sabedoria, caso contrário, “sofrerá as consequências”. A imagem do professor intocável, sábio, mestre, está tão cristalizada que até hoje muitos professores mantêm esta antiga concepção. Infelizmente, o cotidiano destes professores não passa de uma rotina, onde todo o dia as mesmas metodologias e conteúdos são repetidos incansavelmente, ano após ano, sem nenhuma renovação. Este tipo de atitude é muito perigosa, pois impede o professor de enxergar o que acontece diariamente, de considerar os sujeitos que estão na sala de aula, assim como suas ideias e experiências. Meu pensamento se aproxima de Assunção (1996):

Se tomarmos o cotidiano apenas como sinônimo de rotina, de algo cristalizado, estaremos diante de um impasse ou rigidez, e impossibilitamos de enxergar o movimento que se expressa nas atitudes diárias. (ASSUNÇÃO, p.33).

Os objetivos do ensinar e aprender do aluno na escola são vários. No caso dos estudantes da EPA, o principal objetivo é reinserir estas pessoas na sociedade, pois se por um lado temos um mercado de trabalho totalmente excludente - seja pela incapacidade de absorver toda a mão de obra disponível, seja por exigir formação que essas pessoas não têm, por outro temos uma sociedade que os exclui simplesmente por estarem em situação de rua, ou seja, por serem eles mesmos. Também temos como objetivos a busca de uma melhor qualidade de vida, que é resultado da inclusão dos sujeitos na sociedade através do trabalho e da aquisição de condições de vida dignas. A educação pode dar uma grande contribuição, pois quanto mais formação você tem, muito mais portas se abrem e oportunidades de trabalho melhores aparecem, gerando, assim, uma renda maior e possibilitando maior inserção social para estas pessoas. Na EPA, a preocupação com a geração de renda para os alunos é uma constante, além de ajudar a buscar benefícios sociais aos quais tenham direito, pois somente assim poderão acessar moradia, alimentos, ter acesso à bens culturais, como cinema, teatro,

---

<sup>1</sup> In: <<http://www.dfe.uem.br/TCC-2016/CINTHIA.pdf>>

livros, passeios, etc. Outro objetivo do ensinar e aprender é sempre buscar a qualificação constante do indivíduo e do grupo social, como um movimento permanente, no qual sempre é possível aprender mais e fazer melhor proveito dos recursos disponíveis na sociedade, melhorando sempre mais as condições de vida da pessoa ou grupo.

Concluindo, os objetivos do ensinar incluem como prioridade a ampliação da emancipação do sujeito. Para tanto é preciso ele faça a relação dos seus aprendizados cotidianos com a escola e utilize isto para sua inserção na sociedade, no mundo do trabalho ou até mesmo em outros grupos sociais. Assim, ele pode buscar uma qualidade de vida melhor, através do conhecimento que adquire, e não apenas isso, também que o aluno, enquanto sujeito e cidadão, possa contribuir com a sociedade, ajudando a transformar a realidade de forma mais efetiva, em direção à uma sociedade mais justa e igualitária, sem ser visto com olhares preconceituosos ou discriminatórios. Como diz Freire,

A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia. Quão longe dela nos achamos quando vivemos a impunidade dos que matam meninos nas ruas, dos que assassinam camponeses que lutam por seus direitos, dos que discriminam os negros, dos que inferiorizam as mulheres. (FREIRE 1996, p.13)

Os objetivos do ensinar, então, estão vinculados a um projeto de sociedade que se deseja, para que todos tenham os conhecimentos básicos e necessários não apenas para viver nela, mas para melhorá-la e para transformá-la em uma sociedade cada vez mais democrática.

## 2.2- COMO ENSINAR E APRENDER:

Sabemos que a aprendizagem docente requer uma dose específica e mínima de conhecimentos teóricos, pois estas teorias acadêmicas servem como uma forma de “preparo” para a docência, mas o grande aprendizado que transforma e define uma pessoa como professor é sendo professor, é ensinado as pessoas e aprendendo com elas, é a experiência em sala de aula que realmente define tudo. No começo da minha vida acadêmica havia escolhido Pedagogia para “tentar”, e eu estava navegando por uma maré desconhecida, sem saber o que me esperava, abarrotado de teorias e pensadores que eu nunca ouvi falar. Porém a verdadeira decisão começou quando me senti professor pela primeira vez. Era uma posição de organizador, eu ajudava a organizar os conhecimentos que aquelas pessoas já possuíam e, ao mesmo tempo, que aprendia com elas, ajudava-as a irem além.

O ensinar não é uma fórmula, é uma experiência enriquecida por outras experiências. É estar atento ao que interessa a eles, de como aprendem. Vemos atualmente professores preenchendo um quadro negro com “toneladas” de conteúdo, depois se sentando em suas cadeiras e esperando os mesmos copiarem, não há um pensamento no aluno, não há um diálogo com a turma. Assim, a experiência de sala de aula se torna monótona, chata e acaba não trazendo nenhuma aprendizagem para o aluno da EJA. Devemos ter em mente que este público necessita de um plano de aula fora do tradicional, um ensino que considere e converse com a realidade dos mesmos, pois os alunos da EJA possuem múltiplos saberes oriundos de suas realidades, o professor deve estar aberto a seus educandos, como diz Comerlato (2001):

Trabalhar com jovens e adultos é estar aberto para conhecer seus educandos, é estabelecer junto a eles um projeto do que e como aprender. É saber que, apesar de estarmos aprendendo sempre, temos um papel diferenciado, somos orientadores do grupo, temos objetivos enquanto sujeitos educadores, objetivos que nos comprometeram na escolha de trabalho com EJA, assim, temos propostas que devem ser sempre abertas, propostas que são mais intenções a serem perseguidas. (COMERLATO, p. 25).

Quanto ao aprendizado, no caso dos professores faz total ligação com o ensino, pois a docência só se aprende ensinando, e só ensinando em sala de aula que aprenderemos mais. E quando me refiro ao aprendizado aqui, não digo que seja o aprendizado de ser “o bom professor”, mas de ser um docente que tenha um aprendizado sobre sua turma, que saiba construir uma prática reflexiva a partir das vivências e experiências dos alunos. Um exemplo claro: quando realizei minha prática na Escola Municipal Heitor Villa Lobos, em Porto Alegre, eu havia realizado um plano de aula totalmente desconexo, sinal claro de que eu não havia aprendido sobre a turma. Apenas cheguei em sala de aula no primeiro dia, me apresentei e já sai escrevendo coisas no quadro e falando sobre o conteúdo, usando aquele método totalmente tradicional, onde eu falava e eles escutavam. Não é a toa que eles estavam “boiando” e eu ficava mais nervoso à medida que a aula passava. Naquele momento percebi que eu não havia aprendido sobre o que mais precisava aprender: sobre meus alunos.

Eu havia observado durante duas semanas, mas o meu critério de observação se deu apenas no comportamento dos alunos, pequei muito em não aprender que tipo de assunto era mais conexo com a realidade deles, ver quais eram seus interesses, saber que conhecimentos eles tinham. Enquanto a professora regente abordava temas nos quais eles se identificavam: como violência, drogas, métodos contraceptivos, política e até sobre o funcionamento do



corpo, eu ainda estava tentando “socar” na cabeça dele algo sobre meio ambiente e reciclagem, Greenpeace e até um exercício sobre gasto de água eu havia feito sem sequer conversar com os alunos direito.

A conclusão é que não podemos ensinar sem levar em consideração a realidade da pessoa, aluno da EJA, não podemos ensinar algo desconexo com a realidade dela, e sem conhecer como ela enxerga essa realidade. O professor não é um mero “transmissor de conteúdos”, ele é um educador, provocador de reflexões, do espírito crítico aos sonhos, instigador do ser mais de cada um. Como educaremos pessoas sem ao menos entender o que entendem sobre o contexto em que vivem? Deste modo, é fundamental termos conhecimento das bases pedagógicas que estudamos no curso, para assumirmos nosso papel de orientadores da aprendizagem. Como Paulo Freire diz, fazendo uma analogia com a prática de velejar:

A prática de velejar coloca a necessidade de saberes fundantes como o do domínio do barco, das partes que o compõem e da função de cada uma delas, como o conhecimento dos ventos, de sua força, de sua direção, os ventos e as velas, a posição das velas, o papel do motor e da combinação entre motor e velas. Na prática de velejar se confirmam, se modificam ou se ampliam esses saberes. (FREIRE, 1996, p.9).

Os processos de ensino e aprendizagem giram em torno do aluno e não do professor, ele é a razão da escola. Foi com a prática na EPA que passei a ter uma visão diferente de aula, uma visão que considera o aluno, as suas vivências e acima de tudo, suas realidades.

### 2.3 A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

A relação do professor com o aluno em um sistema tradicional, como comentado anteriormente, é aquele no qual apenas o professor fala e o aluno escuta. Ou seja, é uma relação vertical, de cima para baixo, o professor manda e o aluno obedece, não questiona. O professor é quem “domina” o conteúdo e o aluno, o receptáculo. Hoje este cenário mudou bastante, os alunos ainda querem um professor que domine o conteúdo, mas que apresente também um bom relacionamento com o grupo, sem se colocar em um “patamar” acima dos mesmos. Como diz CUNHA (1989), “Para os alunos atuais, o BOM PROFESSOR é aquele que domina o conteúdo, escolhe formas adequadas de apresentar a matéria e tem bom relacionamento com o grupo”. (CUNHA, p.72). A relação entre professor e aluno deve ser

embasada em respeito um pelo outro, pois não é apenas o aluno que deve respeitar o professor, o professor também deve respeitar seu aluno, como ser humano, pensante e espiritual.

A relação do professor e aluno deve ser baseada também na construção da autonomia, do conhecimento para a independência e crescimento das pessoas e do grupo. Tanto o conhecimento dos professores como o dos alunos se aperfeiçoa no aprendizado coletivo, através do compartilhamento de ideias, sem considerar o sujeito como “máquina” fria, que reprime as ideias, sentimentos e vivências das pessoas, como diz Freire:

[...] entender a prática educativa como um exercício constante em favor da produção e do desenvolvimento da autonomia de educadores e educandos. Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por um de ditadura racionalista. (FREIRE, 1996, p.54).

A relação entre professor e aluno também é construída através do respeito ao estudante, à sua curiosidade sobre o mundo e não subindo em um pedestal e ditando regras, pois quando isto acontece deixamos de respeitar a autonomia do estudante. É uma relação que não pode ser baseada na mais pura e rígida “autoridade” do professor, porque este tipo de atitude minimiza o educando e o reduz à um aluno, um número na lista de alunos, uma simples parcela, como diz Freire:

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgredir os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência. (FREIRE 1996, p.22).

A relação entre professor e estudante se baseia no diálogo constante entre ambos, onde as aulas são desenvolvidas e pensadas na troca de ideias, de pensamentos e experiências. Onde o respeito não se dá apenas por consideração do indivíduo que está ali como um “aluno”, mas como um Estudante, que possui suas experiências únicas e também é insubstituível. O estudante é o centro, o foco e a base do ensino, e suas experiências e ideias devem ser respeitadas pela bagagem de conhecimento que traz e pelas vivências que proporcionaram o aprendizado destes conhecimentos.

Quando é dito que a relação se baseia no diálogo, não se trata somente do diálogo verbal, físico, onde são trocadas palavras durante alguma conversa, mas também me refiro ao diálogo corporal, quando tratamos das ações e reações dos estudantes diariamente. Algumas vezes, os estudantes podem não dizer nenhuma palavra, porém através de um gesto ou de uma atitude demonstram seus pensamentos, alegrias, frustrações, medos. É uma relação que tem como pilar uma escuta que ultrapassa as barreiras do tradicional, do biológico, físico, considerando o sujeito pensante, sentimental e produtor de conhecimentos. É uma relação que se baseia mais em uma escuta, que proporciona um entendimento melhor do estudante como ser humano, uma *escuta sensível*.

### 3. A ESCUTA SENSÍVEL

Com tanta correria do dia a dia, cada vez mais docentes se sobrecarregam com um número excessivo de trabalho, e muitas vezes esta correria chega até a sala de aula e, principalmente, no aluno. E este excesso faz com que tudo tenha que ser feito rapidamente, pois há a obrigação de dar conta dos conteúdos dentro de prazos pré-determinados. Muitas vezes, na pressa de trabalhar algo novo ou simplesmente na angústia de vencer um conteúdo no prazo, o professor, que deveria ser um mediador que desafia, instiga e conversa com seus educandos, acaba se tornando mais um cubo para a forma de gelo. Apenas coisas escritas no quadro e atividades monótonas, extremamente arcaicas para atualidade. E quando digo arcaicas, não quero dizer tradicionais, pois até o que é considerado como tradicional tem sua eficiência, mesmo que pequena, já o arcaico é algo muito ultrapassado para época e não serve para nada atualmente, como diz Cortella:

[...] o tradicional é o que deve ser resguardado, protegido até, por ter apresentado um nível de eficiência aceitável no trato das questões pedagógicas; já o arcaico é o ultrapassado, o envelhecido negativamente, aquele que não tem mais aplicabilidade em novas circunstâncias. (CORTELLA, 2001, p.152)

Durante todas as experiências que tive com a educação, seja como aluno, “professor” ou mero observador, me deparei com algo que só ficou nítido durante minha prática na Escola Porto Alegre. Deparei-me com a pouca atenção que eu dava aos relatos orais dos alunos, estes que possuem uma história única e repleta de aprendizados essenciais para serem compartilhados. Relatos esses que estão presentes cotidianamente, no que eles comentam nos corredores da escola com os amigos e colegas, assim como na sala de aula, enquanto o professor está organizando suas coisas ou quando o professor os questiona sobre qualquer fato ou questão. Todos esses pequenos relatos orais são de grande valor para o professor.

Na EJA este fator é crucial para o compartilhamento de aprendizados e avanços cognitivos e sociais em sala de aula. A oralidade deles vem de uma leitura de mundo única, que serve como base para a construção da leitura da palavra em sala de aula, pois como diz Freire, "A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele." (1985, p.1).

Quando entrei na EPA, tinha o péssimo costume de falar, escrever no quadro e ficar muito tempo explicando as coisas, sem dar muita brecha para os alunos. Aqui entra um ponto

crucial da docência compartilhada: a minha dupla (Ingrid Talita) conversou comigo quando a aula acabou e, para minha não surpresa, ela disse o seguinte:

- Tu precisas escutar mais eles, tu focas em um aluno apenas e não ouve os outros.

Depois de ouvir minha colega dizer isso, comecei a reparar no que eles falavam ou queriam me dizer, e passei a escutar mais os alunos da EPA. Porém demorou até me acostumar. Percebi o quão complicado é para todos nós escutar realmente as pessoas, principalmente se estas pessoas forem nossos alunos, e não por maldade ou má vontade, mas porque o escutar, em minha opinião, é muito mais do que simplesmente ouvir alguém dizendo coisas.

Escutar é um ato social, é um exercício de cidadania, pois este gesto por mais simples e óbvio que pareça não é algo a ser banalizado. Atualmente as pessoas ouvem, porém não escutam. Assim, há uma diferença crucial entre escutar e ouvir: o ouvir é voltado mais para o sentido físico, como por exemplo: você ouve um estouro na rua, você percebe o som do estouro, porém é apenas isso, você ouviu e ficou assim mesmo. Já o escutar é um ouvir com atenção: se você escutar o estouro, você vai procurar da onde vem o som, vai elaborar hipóteses sobre o que pode ser, você vai prestar atenção naquele som ou ruído.

O escutar na EPA se tornou mais frequente com o tempo, e então comecei a ouvir com atenção muitos relatos dos alunos, coisas que eles queriam desabafar, experiências que queriam compartilhar ou até mesmo notícias importantes que viram ou ouviram por ai. Um dos fatores que mais me espantou na prática foi a quantidade de conhecimentos intelectuais que eles possuem, pois acreditava que eles não possuíam tantos conhecimentos assim. Só com este contato mais próximo, de escuta, é que percebi o quão sábios eles são e o quanto sabem, principalmente na escrita. Como diz Hara, “[...] o contato com adultos não escolarizados nos mostra que todos sabem algo, não só coisas do concreto, mas tem um conhecimento intelectual a respeito da escrita.” (1992, p.8).

O escutar também é importante para eles, pois ao ouvirem os colegas eles conseguem aprender com mais facilidade, pois podem compreender a partir do entendimento destes. Em atividades de leitura e escrita com o grupo tudo flui muito bem, e principalmente quando trabalhamos letras de músicas com eles, poemas e outros materiais de leitura. O trabalho coletivo é muito mais eficiente principalmente quando se trata da leitura. Como diz Hara:

O processo específico de ler e escrever se desenvolve a partir de uma situação coletiva, que pode ser uma conversa, a leitura de uma manchete de jornal, uma atividade lúdica, um acontecimento, em que todos se envolvem, comentam, opinam, contribuem e pedem contribuição. (HARA, 1992, p.13).

Com o tempo procuramos desenvolver mais as atividades que envolviam a oralidade, pois a partir desta ideia de ouvir para aprender, partimos em direção às aulas menos expositivas e mais participativas, onde eles seriam protagonistas e explorariam o material, levantando hipóteses e construindo ideias.

Foi assim, no cotidiano de minha prática pedagógica, que fui descobrindo a *escuta sensível*.

### 3.1 O QUE É ESCUTA SENSÍVEL

Descobri a *escuta sensível* na prática, pela minha experiência, mas também com a contribuição de outros autores que utilizamos na EJA, que me ajudaram a compreender a importância de ouvir os educandos. Em parte, isso foi importante para reconhecer e saber quais eram os conhecimentos desses adultos. Por outro, fui desenvolvendo uma sensibilidade específica.

Descobri que o escutar e o perceber o sujeito não como objeto de pesquisa ou como apenas meu aluno (um objeto do meu ensino), mas entender este sujeito como ser emocional, sem ignorar o seu ser biológico e orgânico, para entendê-lo como uma pessoa consciente e cognoscente, que possui sentimentos, vivências, espírito (não no sentido religioso, mas como alguém que emana uma áurea sagrada, porque humano).

Neste estudo, busquei em René Barbier, defensor francês da metodologia de pesquisa ação, nos campos onde a ciência tradicional não havia êxito, o conceito de *escuta sensível* para compreender mais profundamente aquilo que havia vivenciado no estágio. Barbier propôs esse conceito, primeiramente, como uma metodologia clínica hospitalar que, posteriormente, foi utilizado no campo da educação.

A *Escuta Sensível* se baseia para além da visão física da pessoa, ela reconhece a pessoa, o ser pensante, passível de sentimentos e pensamentos próprios, é uma visão de empatia. Como diz René Barbier:

A escuta sensível se apoia na empatia. O pesquisador deve saber e sentir o universo afetivo. Imaginário e cognitivo do outro para poder compreender de dentro de suas atitudes. Comportamentos e sistema de ideias, de valores de símbolos e de mitos (BARBIER, 2002, p.1)

Entendi que a *escuta sensível* é que nos aproxima do sujeito como ser humano o

considerando enquanto pessoa psíquica, que sente, porém não apenas no sentido físico da palavra, mas também no sentido emocional. É uma relação de soma com o outro, e requer de cada um de nós uma visão que vai além da concretude do universo físico e material. Assim, a *escuta sensível* não é apenas trazer o ato de entender o sujeito, apenas escutando, mas também é construir um trabalho em grupo, partindo do que o sujeito sabe. A *escuta sensível* é, ainda, ter uma ideia de como aquele sujeito pensa e age em determinadas situações a interação com os outros. Isto é, é sair do pensamento individualista e pensar como coletivo, no coletivo e para o coletivo, pois é através das ações e reações que captamos dos sujeitos, seja na escuta das falas ou nas reações corporais que conseguimos entender a essência humana dos estudantes.

A *escuta sensível* não julga o estudante, ela procura aceitar e compreender aquela pessoa não apenas como mais um aluno, como apenas uma soma em um caderno, mas como um ser dotado de pensamentos e ideias próprias, de criatividade e de conhecimentos únicos que foi aderindo ao longo de suas experiências de vida. Como diz Barbier, “A escuta sensível reconhece a aceitação incondicional do outro. Ela não julga, não mede, não compara. Ela compreende sem, entretanto, aderir às opiniões ou se identificar com o outro, com o que é enunciado ou praticado” (BARBIER, 2007, p.94).

O foco da escola, das aulas, dos planejamentos e da educação em geral é este estudante com sua singularidade, insubstituível e cheio de experiências, e a *escuta sensível* na educação é exatamente isso: pensar e proporcionar um ambiente de aprendizado que seja construído com base no que o aluno quer aprender, no que ele quer aperfeiçoar em seus conhecimentos, no que ele necessita, a partir das vivências que possui. Na EJA, a *escuta sensível* pode ser aplicada como uma ferramenta não apenas de compreensão de sujeito, mas de acolhimento do mesmo, fazendo com que ele se sinta à vontade, sinta prazer em aprender, que se sinta instigado a colocar os pés na escola, pronto para mais um dia de aula.

### 3.2 APRENDER ESCUTANDO

A escuta dos relatos dos alunos me chamou muito a atenção, pois muitas coisas apareceram enquanto eu realizava a minha prática na EPA. Ouvi relatos de todos os tipos, sejam de fatos diários que aconteciam com eles, ou coisas relacionadas à sua vida como um todo, de suas histórias passadas ou de sonhos futuros, e a cada relato, senti que havia um certo “impacto” na minha mente, quando eu me sentia totalmente imerso no que eles falavam. Nas palavras de Barbier:

A postura que se requer para uma escuta sensível é uma abertura holística. Trata-se na verdade de se entrar numa relação de totalidade com o outro, tomado em sua existência dinâmica. **Alguém só é pessoa através da existência de um corpo, de uma imaginação, de uma razão e de uma afetividade, todos em interação permanente.** A audição, o tato, a gustação, a visão e o olfato se aplicam à escuta sensível. (BARBIER ANO 2002 p.4).

A escuta envolve compreender os gestos, as reações físicas, acolher ou repelir odores, enfim, todos os sentidos participam desta escuta. Do mesmo modo, acolher e repelir sentimentos, afetos, ideias. A *escuta sensível* envolve a compreensão do sujeito como participante da sociedade, e não como alguém fora dela. Como já foi dito, esta escuta vai muito além da escuta física apenas, é uma compreensão, é um apoio, um acolhimento que se dá ao sujeito, ajudando o mesmo em sua trajetória de vida, tomando como base principal suas narrativas, suas experiências, gostos, jeitos, manias, etc. Assim, a *escuta sensível* é um instrumento de reconhecimento do sujeito. Esta escuta envolve também o pensar no sujeito, não apenas ver, escutar e prestar atenção nele, mas pensar sobre ele e com ele, se colocar no lugar do sujeito e entender as aflições que este passa todos os dias.

Muitas histórias, mesmo tristes, mostravam uma trajetória de superação social e pessoal de cada aluno, nas quais, independente das dificuldades, eles demonstravam que não iriam desistir tão fácil.

Cristiano relatou algumas de suas histórias, porém o que mais me chocou foi a sua história de vida como um todo:

-Minha mãe me pariu na rua sor! Eu nasci correndo no meio dos carros atrás da minha mãe, sempre ajudando ela. A véia adorava uma cachacinha, mas nunca deixou de me dar comida, e quando ela morreu, eu fiquei muito triste.

-Meu pai morreu por causa de bonde [gangue que “trabalha” com tráfico de drogas]. Mataram ele e eu não fico mexendo com ninguém, porque senão eu sei o que acontece comigo, e ninguém vai dar falta.

-Eu tô aqui na escola pra aprender, porque eu sei que a minha vida vai melhorar quando eu me formar na escola.

-É aqui na escola que a gente é feliz, porque a gente aprende, e cuidam da gente sem olhar torto ou feio. Na rua eu tenho que entrar no banco com alguém, senão o guarda já fica de olho em mim. Aqui não tem isso, todo mundo tem respeito comigo.

Excertos do Diário de Classe, 2018/01.



Na trajetória deles, vi que a exclusão social também se dá através do preconceito, onde há relatos do próprio Cristiano sobre isso, como citado acima no caso do banco, onde todos olham estranho para ele. E, apesar de tudo que viveu e sofreu, Cristiano tem sonhos e planos, se formar na escola, ter uma vida melhor. A escola tem uma importância vital para este estudante, é ali que ele se sente aprendendo, se sente uma pessoa respeitada. Certamente sente que é escutado pela escola.

Também temos relatos de Laila, que sofreu preconceitos ao longo da vida, mas que não desistiu de estudar e vê a importância da escola na sua vida. É outro exemplo de que os alunos da EJA entendem a importância da educação em suas vidas:

-Já sofri preconceito enquanto trabalhava como doméstica, também já sofri preconceito no ônibus e em um monte de lugar. É muito triste, porque tu percebes que alguém não gosta de ti só pelo olhar.

Excerto do Diário de Classe, 2018/01.

Flávio também fala de sua realidade dura e como a escola é importante para ele. Porém Flávio aparenta sentir melhor os efeitos positivos da escola, pois está mais avançado e já recebeu oportunidades novas de emprego:

- Quando eu era criança, fugi de casa porque apanhava muito, aí fiquei na rua passando fome, vim para a EPA e decidi estudar, porque eu quero estudar e ter uma vida melhor. Agora eu já tô sabendo ler e escrever direitinho e até um trabalho eu tenho, é porque eu tô estudando, senão eu estaria na rua ainda.

Excerto do Diário de Classe, 2018/01.

Outro estudante, o Adriano, revela conhecimentos e experiências de vida semelhante a seus colegas. Demonstra uma trajetória de superação e avanços pessoais. Também traz muitos conhecimentos do campo, pois vivia no interior.

-Trabalhei muito tempo em plantação de algodão, a gente tinha que pegar a enxada e fazer assim (fazia o gesto) e era bem difícil. Também trabalhei com soja há muito tempo atrás, onde não tinha máquina. Hoje tem máquina pra tudo.

- Eu bebia muito, perdi a esposa e familiares, mas aí, um dia, eu senti que iria morrer professor. Aí decidi parar, acho que foi um chamado de Deus dizendo pra eu parar.

Excertos do Diário de Classe, 2018/01.

Já o Fernando possui um grande conhecimento geográfico, matemático e social, construído nas experiências de vida dos vários lugares pelos quais passou:

-Eu nasci e morei uma parte da minha vida em Angra do Heroísmo. Lá tem um monte de ilhas, um conjunto onde vivem os pescadores. Angra é uma cidade pequena, mas que vale a pena visitar. É uma cidade histórica, as pedras que fazem as casas são muito grandes e foram feitas na mão (fazendo referência a pedras de construção antigas, que eram lapidadas e cortadas à mão) e são resistentes, é um lugar muito bonito.

-Já viajei para os Estados Unidos, Europa e agora estou aqui no Brasil resolvendo uns problemas da minha construtora, já trabalhei com tudo: jardinagem, pedreiro e até reformas na casa.

- Meu irmão é professor, e na faculdade de professores chamamos de Faculdade de Formação de Formadores. O meu irmão ganha bem sendo professor, e é muito inteligente, porque trabalha o dia todo na escola.

Excertos do Diário de Classe, 2018/01.

Fernando se mostrou também muito habilidoso com trabalhos manuais, e parece ter experiências passadas que contribuiram para seu aprendizado.

Também temos mais os relatos de Fabiano, que possui noção de peso e de materiais de reciclagem, pois trabalhou muito tempo com isso. Ele sabe os valores dos materiais que são mais “preciosos” para venda nos ferros velhos:

- Eu trabalhei anos com latinha, eu gostava de amassar pra caber na sacola, e o ferro velho paga mais do que papel. Aí eu vou nos bares catar latinhas, porque nos lixos aqui perto já tem gente catando. Eles pagam por quilo do alumínio, me disseram que é mais caro. Aí só pego alumínio, mas é difícil porque todo mundo pega. Mas vale mais porque é pesado também, só que folha é pesado também e não pagam mais.

Excerto do Diário de Classe, 2018/01.

Fabiano tem noção de valores dos materiais, mas não compreende muito porque o alumínio é mais valioso. De qualquer modo, ele sabe que é, reconhece o material e onde buscá-lo, ou seja, tem o conhecimento já destacado aqui para sobreviver. É um conhecimento muito útil para quem vive em situação de rua.

- Às vezes me falta dinheiro e mesmo assim eu ajudo o Cristiano (colega dele), porque ele também me ajuda quando eu tô sem dinheiro.

- Eu que fiz aquelas esculturas no jardim, fiz um jacaré, animais e flores, porque no pátio tem que ter flores.

Excertos do Diário de Classe, 2018/01.

Estas falas denotam bem a importância da *escuta sensível*, na qual os sujeitos são reconhecidos também por seus conhecimentos próprios. Na *escuta sensível* sempre precisamos considerar o “ser” do sujeito e não o “lugar” do mesmo, pois pensando assim estaríamos restringindo a liberdade do mesmo de se expressar. Ainda, o “lugar” é transitório e não define a totalidade do “ser”. Ou seja,

A escuta sensível pressupõe uma inversão da atenção. Antes de situar uma pessoa em “seu lugar” começa-se por reconhecê-la em “seu ser”, dentro da qualidade de pessoa complexa dotada de uma liberdade e de uma imaginação criadora. (BARBIER, 1997, p. 2).

A escuta destes relatos me fez pensar mais sobre as dificuldades que estes alunos passaram e passam. Pensei ainda em todos os alunos da EJA que estudam à noite, e suas odisséias diárias, as árduas jornadas pelos quais eles passam simplesmente para sobreviver e, no final do dia, ainda têm garra e disposição para estarem em uma sala de aula para aprender, ensinar e buscar uma vida melhor. É realmente triste a realidade em que muitos se encontram, tendo que enfrentar em pleno século XXI, situações de preconceito, racismo e ódio de uma sociedade classista. Um dos fatores que andei pensando sobre isso é como a nossa tecnologia evolui, nossa sociedade cresce, mas, ao mesmo tempo, algumas pessoas ainda possuem pensamentos típicos de senhores de engenho, com ideias racistas, preconceituosas e totalmente favoráveis às desigualdades sociais.

Neste sentido, aprendi muito também sobre outras realidades sociais que me chocavam no início. Não por preconceito, mas por desconhecer que poderia haver pessoas vivendo em

condições tão precárias. No entanto, nossas diferenças foram motivo de aproximação e não de afastamento, de modo que, como diz Barbier:

“A escuta sensível afirma a coerência do pesquisador. Este comunica suas emoções, seu imaginário, suas perguntas, seus sentimentos profundos. Ele está “presente”, quer dizer, consciente. Ele não pode mais aceitar trabalhar com um grupo, se algumas condições se chocarem com seu núcleo central de valores, sua filosofia de vida.” (BARBIER, 2007.p. 94).

Por fim, também tive que descer do meu altar de conformismo ou comodismo para buscar ampliar e melhorar meu desempenho enquanto docente, me revendo dia a dia, de modo a estarem cada vez mais afinadas com o grupo, com seus valores, crenças, pensamentos, de modo a estar sempre mais comprometido com meus estudantes neste processo de ensinar e aprender.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A *escuta sensível*, entre outros aspectos, aborda e reconhece como um saber, a realidade que cada aluno traz de suas vivências, suas experiências pessoais e coletivas. Nada mais lógico que a educação escolar ofertada contribua para dar sequência e profundidade a seus conhecimentos: pensar o que ele precisa aprender o que ele quer aprender e associar isto à aula e à escola. Uma escola que não considera seus alunos como sujeitos pensantes e criadores acabam se tornando inútil, pois aí não há propagação/ expansão e aperfeiçoamento dos conhecimentos. Não adianta ficarmos no sistema tradicional, com as matérias escolares sendo trabalhadas de forma estanque e descontextualizadas. Se o novo conhecimento a ser explorado não está atrelado ao que o aluno necessita e deseja, a aula perde o sentido. O aluno precisa de conhecimento e não de informação. Na escola tradicional vemos muito frequentemente à propagação da informação, ou seja, um amontoado de conhecimentos e teorias que muitas vezes são inúteis na realidade do aluno. O conhecimento válido é aquele que tem utilidade, serventia, ou que amplia o campo da reflexão humana, engrandecendo-o em seu “ser”, como as artes, por exemplo. Informação é importante, mas é descartável, temporária. Salvo algumas exceções, muito do que se aprende nas escolas é apenas focado no passar de ano, assim como em estudos para ter sucesso no ENEM e em Vestibulares. Não temos muitos aprendizados realmente úteis para o cotidiano, com importância para o que se vive no presente.

Imagine só esta situação com um aluno da EJA, que quer aprender a ler, escrever e contar, e que após um longo dia de trabalho chega a sala de aula para somente ouvir o professor e copiar do quadro coisas que nem entende. Como fica a situação desta pessoa? Aquele aluno, que precisa aprender a ler para ler contratos de trabalho, cartões ou até mesmo uma placa na rua, muitas vezes se sente desmotivado ao aprender coisas totalmente desconexas com o que ele necessita e deseja. A EJA tem feito muito pelo público de jovens e adultos, mas precisamos de mais tato, de mais sensibilidade, quando se trata de pensar uma aula, de elaborar e abordar determinados assuntos na turma. A *escuta sensível* é justamente a chave de ligação que nos permite pensar em uma aula mais conectada com os estudantes, em maior sintonia com a turma, portanto, mais dinâmica e muito mais significativa para eles. Um novo conhecimento é construído quando há ampliação de saberes e aprendizado de novos saberes, e esta construção só se dá quando se estabelecer relações entre os saberes dos

estudantes com as novas apropriações, ou seja, entre a realidade do aluno e as novas aprendizagens.

A atenção na escuta foi algo crucial para o meu desenvolvimento, na compreensão do “ser professor”. Acredito que o estágio realizado na EPA não foi apenas um estágio, foi uma lição de vida, onde tive muitos tombos e tropeços, porém também sei que evoluí muito, não apenas como professor, mas como pessoa. Quando entrei na EPA, eu tinha uma ótica cem por cento restrita e muito tradicional, porém, ao criar laços de amizade com a turma, passei a ouvir os alunos com atenção, ouvir seus relatos, histórias, conhecimentos e até assuntos aleatórios, e com isso passei a vê-los não apenas como alunos, mas como pessoas, dotadas de capacidades e características que os tornam únicos e insubstituíveis. Jamais vou esquecer a EPA e as mudanças que tive durante minha trajetória nesta escola. Espero de coração, que um dia retorne a ela, seja como professor ou até mesmo como visitante, pois a EPA deixou uma marca maravilhosa em meu espírito.

Com este trabalho, acredito ter aprendido muito como professor, quando na relação com os estudantes, fui enriquecendo minhas experiências sobre outras vivências e saberes possíveis, sobre outras realidades. Como resultado deste trajeto, e mais especificamente, deste trabalho, a maior conquista atingida foi a minha mudança de percepção da tarefa de ser professor. Tudo o que aprendi é permeado pela *escuta sensível*, pela empatia com o estudante, pelo pensamento capaz de olhar o mundo também através do ponto de vista do outro.

## REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel. **Professores Reflexivos em uma Escola reflexiva**. São Paulo, SP: Cortez Editora, 2008.

ASSUNÇÃO, Maria Madalena Silva da. **Magistério Primário e Cotidiano Escolar**. Campinas, SP: Edição Autores Associados (Coleção polêmicas do nosso tempo; v. 53), 1996.

BARBIER, René. A escuta sensível na Formação de profissionais de saúde. Brasília, Juillet, 2002. In: <<http://www.saude.df.gov.br>>. Acesso em 05/08/2018.

BARBIER, René. **A Pesquisa-Ação**. Série Pesquisa, Liber Livro, 2007.

COMERLATO, Denise. Formação de Professores em EJA. In: SANT'ANNA, Sita Mara Lopes (org.). **Aprendendo com jovens e adultos**; NIEPE-UFRGS, nº 1, ano 2, Dez/2001. Revista do Núcleo Interdisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação de Jovens e Adultos.

CORTELLA, Mário Sérgio. **A Escola e o Conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos**. 4.ed. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

CUNHA, Maria Isabel da. **O bom Professor e sua Prática**. Papyrus Editora; Campinas-SP, 1989.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**. 10. ed. São Paulo: Cortez Editora, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários para a Prática Educativa**. Coleção Leitura, Editora Paz e Terra. 25ª Edição, 1996.

HARA, Regina, **Alfabetização de Adultos: ainda um desafio**. 3.ed. São Paulo: CEDI, 1992.

MELO, Pedro. **Diário de Classe**. Estágio de Docência em Educação de Jovens e Adultos. Faculdade de Educação, UFRGS, 2018/01.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.